

Educação em saúde: debatendo o Bullying na escola

NATHALIA ARAUJO FERNANDES¹; PAOLA DE OLIVEIRA CAMARGO²;
LARISSA DE SOUZA ESCOBAR³, KASSIA GUEDES DOS SANTOS FONSECA⁴
DÁKNY DOS SANTOS MACHADO⁵; MICHELE MANDAGARA DE OLIVEIRA⁶

¹Acadêmica da FEn – Universidade Federal de Pelotas – nathalia97araujo@gmail.com

²Doutoranda da Fen – Universidade Federal de Pelotas – paolacamargo01@hotmail.com

³Acadêmica da FEn – Universidade Federal de Pelotas – larissaescobar0@gmail.com

⁴Acadêmica da FEn – Universidade Federal de Pelotas – kkassiah@hotmail.com

⁵Acadêmica da FEn – Universidade Federal de Pelotas – daknysantos780@gmail.com

⁶Profa Dra. da FEn – Universidade Federal de Pelotas – orientadora – mandagara@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O bullying é algo muito comum nas escolas e pode estar presente durante boa parte do desenvolvimento da criança. O termo bullying remete a agressões, intencionais, físicas, psicológicas, sexuais e *cybernéticas*. As agressões físicas consistem em socos, tapas, roubo, em empurrões, entre outros ataques. As agressões verbais são caracterizadas por xingamentos, provocações, insultos, “piadas” quanto ao corpo, raça ou cor da vítima que a causem desconforto ou sofrimento psicológico (ZEQUINÃO et al, 2016; BERNARDES, 2014).

O bullying pode ser identificado por ter questões imutáveis: ato agressivo gratuito, intencionalidade e desigualdade entre o poder do agressor e a vítima. Comumente as vítimas iniciam algum problema psicológico/comportamental por consequência das frequentes agressões. A exclusão social, baixa auto-estima, decadencia no rendimento escolar, desistencia ou falta de vontade de ir a escola, pensamento suicida e automutilação são alguns dos sinais e sintomas das vítimas de bullying (ZEQUINÃO et al, 2016; ROLIM, 2008).

Essa violência pode inclusive gerar um ciclo, onde não apenas os agressores e vítimas estão inclusos. Há ainda um terceiro papel sendo exercido, os espectadores. Os alunos espectadores muitas vezes presenciam situações de humilhação e por enraizamento dessa cultura ou medo de se tornar um novo alvo, se tornam alheios às agressões (ZEQUINÃO et al, 2016).

Outro fator preocupante está associado ao uso de substâncias psicoativas por adolescentes que praticam bullying, sendo álcool, tabaco e maconha os mais utilizados. Quanto às vítimas ainda há discrepância nos dados e evidências em relação ao uso de psicotrópicos (HORTA et al, 2018).

Já os professores, pelo que consta na literatura, e se assemelha a prática, pouco sabem sobre o tema bullying e seus impactos na vida dos jovens. Entretanto os professores também vivenciam a falta de uma rede de apoio para enfrentamento desse problema, já que em muitos casos o diálogo e acionar os pais não são suficientes para solucionar o problema (SILVA; ROSA, 2013).

O objetivo desse trabalho é apresentar resultados de um trabalho realizado com uma escola da zona rural que também está sendo desenvolvido em escolas da zona urbana, traduzindo o conhecimento acadêmico e dando retorno à sociedade. Com essas ações almejamos realizar troca de conhecimento com os alunos e lhes mostrar as redes de apoio em saúde, criando, também, vínculo entre a unidade básica de saúde com a escola para que, posteriormente, seja possível implantar o Programa de Saúde na Escola.

2. METODOLOGIA

A presente educação em saúde é parte de um conjunto de ações transversais realizadas pelo projeto de extensão “Educação em saúde: conversando sobre o uso e o uso abusivo de drogas” da faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

A atividade foi realizada em uma escola do meio rural de Santa Vitória do Palmar. O tema proposto foi votado e escolhido pelos próprios alunos, sendo desenvolvido em toda a escola, totalizando em torno de 500 alunos. O foco desse relato será em relação aos alunos do ensino médio, onde percebemos maior incidência de bullying e dano ao patrimônio escolar. Participaram da educação em saúde seis alunos do curso de graduação em enfermagem e uma aluna da graduação em jornalismo, para cobertura fotográfica. Além disso, o trabalho foi orientado pela coordenadora do projeto que é enfermeira e suas orientandas de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação. Foram utilizados recursos audiovisuais e atividades interativas com os alunos, explicando o bullying e suas consequências para as vítimas e agressores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos a atividade perguntando aos alunos se tinham conhecimento do tema e poderiam caracterizá-lo. Foi notável que a grande maioria da turma conhecia a definição da palavra “bullying” e também como ela se aplicava na prática, estando muito presente no seu contexto diário. Já outros alunos viam essa questão apenas como uma brincadeira de colegas – os alunos com essa posição foram os mais incomodados com a atividade e também os apontados como praticantes de bullying com os demais colegas.

Analizando essa situação podemos ver que o ocorrido em sala de aula está de acordo com a literatura. Nesse caso, também foi interessante termos trabalhado em ajuda ao “agressor”, já que esse carece de valores morais importantes, como respeito, amizade, convivência em grupo, empatia e pode também utilizar de agressões por um reflexo de problemas que enfrenta/enfrentou ou por já ter sido vítima (ESTEVE; ARRUDA, 2014).

Quando iniciada a conversa foi possível notar certo desconforto por parte de alguns alunos e a grande participação de outros. Quando falado sobre os sinais e sintomas experienciados pelas vítimas, alguns alunos deram exemplos próprios, o que evidenciou a presença de Bullying mesmo entre pessoas de mais de 15 anos.

Durante o decorrer da atividade mais alunos se identificaram e falaram sobre a dificuldade de encontrar alguém que os ajude e que por estarem em um local rural não sabem quais os serviços disponíveis.

Em um momento a parte, conversamos com a diretora, que nos relatou frequentes episódios de desordem ocorridos na escola. e que fazem parte das estatísticas da pesquisa do Centro de Estudos da criminalidade e Segurança Pública da UFMG:

“[...] 67,5% dos alunos já viram ou ouviram falar de pessoas quebrando janelas, fazendo arruaças e desordens dentro da escola. 9,6% dos alunos já viram ou ouviram falar de brigas envolvendo xingamentos e ofensas morais na escola. 36,2% dos alunos já viram ou ouviram falar de pessoas vendendo drogas na escola. 47% dos alunos já viram ou ouviram falar de outros alunos sendo assaltados dentro da escola. 59,4% dos alunos já viram ou ouviram falar de outros alunos sendo furtados dentro da escola.” (ROLIM, 2008).

Esses dados coincidem com os tipos de violências vivenciadas habitualmente na escola, principalmente nas turmas de ensino médio, remetendo mais uma vez à falta de valores morais nos adolescentes. O consumo de

substâncias psicoativas na escola também é uma questão preocupante, visto que grande parte dos adolescentes consome ou já consumiu algum tipo de psicotrópico.

Após o término da atividade alguns alunos vieram falar com o grupo, dizendo estarem sofrendo com o bullying e que já falaram com professores, mas que se trata de uma situação difícil de resolver. Por conta disso e de outras necessidades de saúde da escola, tentamos fazer uma ligação entre a escola e a Unidade Básica de Saúde que se encontra ao lado. Posteriormente conversamos com uma professora que domina o assunto e em visitas futuras pretendemos abordar esse tema com os demais professores, visto que esses em alguns momentos tem dificuldades para enfrentar o tema, que realmente é complexo e precisa ser trabalhado com mais frequência, no sentido de sensibilizar todos atores envolvidos, independente, de quem sofre e de quem pratica. Precisamos construir | redes de proteção, humanização e solidariedade.

4. CONCLUSÕES

Pela participação e relatos trazidos pelos adolescentes, ficou evidente a vivência do bullying e o impacto que essas agressões causam na vida dos jovens. Pôde se ver que as agressões são parte do cotidiano dos alunos, gerando assim uma normalização da violência.

A atividade se mostrou positiva, pois colocou em perspectiva as consequências sociais do bullying, fazendo os agressores terem a visão do impacto negativo que exerce sobre a vítima e também mostrando a vítima as redes de ajuda.

A construção de redes de cuidado pode potencializar a proteção, o cuidado e a mudança de comportamentos agressivos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, N.M.S. **Bullying em contexto escolar**: do diagnóstico à prevenção. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

ESTEVE, C.E.A., ARRUDA, A.L.M.M. Bullying: Quando a brincadeira fica seria, causas e consequências. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 5, n. 1, p. 1-31, 2014.

HORTA C.L. et al. Bullying e uso de substâncias psicoativas na adolescência: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 1, p. 123-139, 2018.

ROLIM, Marcos. **Bullying**: o pesadelo da escola – um estudo de caso e notas sobre o que fazer. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, E.N.; ROSA, E.C.S. Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 329-338, 2013.

ZEQUINÃO, M.A. et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016.